



Associated Press

Por enquanto, mercados reagem mal à crise financeira brasileira

Economista da Cepal prevê breve recuperação do Brasil

Segundo Pedro Sainz, no início da liberação o poder do governo de equilibrar o câmbio é quase nulo

VLADIMIR GOITIA

A margem de manobra para equilibrar a taxa de câmbio no período pós-desvalorização e liberação cambial é praticamente nula, de acordo com o economista Pedro Sainz, diretor da Divisão de Estatísticas e Projeções Econômicas da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal).

Sainz disse, por telefone, de Santiago, que o importante, no momento, é observar que alguns países que desvalorizaram as suas moedas e liberaram a sua taxa de câmbio conseguiram recuperações impressionantes em suas economias.

No caso do México – exemplo mais próximo do Brasil, por ter sofrido ataques especulativos semelhantes em circunstâncias financeiras também parecidas –, o impacto da desvalorização no primeiro ano (1995) foi de uma queda de 6% no Produto Interno Bruto (PIB). No ano seguinte, a economia mexicana já apresentava crescimento de 5,5% e, em 1997, de 7%.

“A recessão no México foi menos profunda do que a apresentada no Chile, onde no primeiro ano, em 1982, o PIB caiu 12% e o desemprego chegou ao patamar estratosférico de 30%”, explicou o economista da Cepal.

De acordo com Sainz, a recuperação mexicana foi mais rápida em decorrência, principalmente, da ajuda financeira liderada pelos Estados Unidos, cu-

jos recursos chegaram a US\$ 50 bilhões. “A economia chilena demorou dois anos para reagir e, depois, começou a curva ascendente”, disse Sainz.

Segundo dados da Cepal, a economia do Chile começou a crescer ligeiramente em 1984 e já em 1986 apresentava taxa de quase 6%. Em 1989, o crescimento do PIB já era de 10%.

Só dois anos – O economista acredita que a probabilidade de o Brasil reagir rapidamente, como o México, é muito boa. Sainz disse que a economia brasileira pode reagir nos próximos dois anos.

“O impacto da devalorização no crescimento econômico é importante”, afirmou. De acordo com ele, o caso argentino é atípico, já que a recessão de 1995 se deu por conta do efeito da crise mexicana. Nesse ano, a taxa de desempre-

prego no país saltou para quase 20%.

“No período em que a taxa de câmbio busca seu equilíbrio, os custos são altíssimos, mas, ao mesmo tempo, esse equilíbrio permite que as taxas de juros caiam substancialmente”, acrescentou o economista da Cepal.

Ele explicou que os países asiáticos conseguiram reduzir as suas taxas de juros aos patamares em que se encontravam pouco antes da crise que os levou a desvalorizar as suas moedas. “Na medida em que o país consegue equilibrar a sua taxa de câmbio, a confiança volta e, com ela, os capitais de longo prazo. Por isso, é importante, em algum momento, ser bastante seletivo na captação desses recursos, principalmente naqueles voláteis”, disse Sainz. (Agência Estado)

CHILE VOLTOU
A CRESCER
DOIS ANOS
DEPOIS